

DINARA PAIXÃO

Professora, engenheira e escritora

**PLURAL**

CULTURA E PATRIMÔNIO

**VIRGINIA VECCHIOLI**

Dra. em antropologia social, profa. na Pós-graduação em Ciências Sociais e na Pós-graduação em Patrimônio Cultural da UFSM

Devoção à Medianeira: 94 anos de graças em Santa Maria

Amanhã, 31 de maio, é dia de lembrar o ano de 1930. São 94 anos da 1ª Festa de Nossa Senhora Medianeira, em Santa Maria.

Antes de falar sobre isso, expresso a minha solidariedade às pessoas atingidas pela catástrofe no Rio Grande do Sul, seus familiares e amigos. Eu estava viajando, quando as chuvas iniciaram. Consegui retornar, no dia 06 de maio, até Gravataí. Levei duas semanas para chegar até Porto Alegre, pois priorizei - no único acesso à Capital - os veículos de socorristas e caminhões que transportavam água e alimentos. Espero, em breve, retornar para Santa Maria.

Além das ações emergenciais, tenho atuado junto ao Conselho Estadual de Cultura e outras instituições, visando auxiliar artistas e trabalhadores da cultura que perderam, além de suas casas, seus instrumentos, equipamentos de trabalho, bem como os locais onde desenvolviam suas apresentações ou oficinas. A maioria teve suas agendas de atividades canceladas. O apoio à cadeia produtiva da cultura é necessário e urgente.

Na coluna publicada em 06 de março, destaquei a importância da Devoção à Medianeira como Patrimônio Cultural e aspectos da criação do Hino e do Quadro, ressaltando o aniversário do poeta D. Aquino Corrêa e da pintora Irmã Angelita (Ida Stefani). Essas atividades artísticas foram preparatórias para a 1ª Festa da Medianeira de Todas as Graças, divulgada com entusiasmo, como mostra a Revista Rainha dos Apóstolos (Ano III - 4 e 5 - Abril e Maio de 1930).

O Decreto, com data de 04 de novembro de 1929, estabelece: "A Sagrada Congregação dos Ritos, usando das faculdades que lhe foram extraordinariamente concedidas pelo mesmo Santíssimo Senhor Nosso, annuindo às supplicas, benignamente concedeu que a festa da Santíssima Virgem Maria, sob o título de Medianeira de todas as graças seja inserida no Calendario e

Proprio da Diocese da Santa Maria, no Brasil, para o dia 31 de maio "sub ritu duplici maiori", com a missa propria e officio proprio, aprovados desde que sejam observadas as rubricas. Revogam-se todas as disposições em contrário". (ortografia original do documento)

A partir dessa autorização, Ignácio Valle cuidou de todos os detalhes para a festa. Ainda seminarista, ele tomou "a resolução de vida" de divulgar essa devoção. Chegou em Santa Maria, em 1928, para ser professor e prefeito no Seminário São José. Entusiasmou os seminaristas para a fundação de uma Congregação Mariana (1929) e para organizarem a 1ª Festa de N. Sra. Medianeira, em 31 de maio de 1930.

O sucesso da 1ª Festa fez com que a população de Santa Maria, assustada com os rumores sobre a Revolução de 1930, "caminhasse pedindo paz", em 14 de setembro de 1930, na 1ª Romaria de N. Sra. Medianeira. As preces foram atendidas e nenhum tiro foi disparado na cidade.

Inácio Valle saiu de Santa Maria, em 1931, para completar seus estudos. Catarinense de nascimento, escolheu ser ordenado sacerdote em Santa Maria, a 6 de novembro de 1934, junto ao Quadro de N. Sra. Medianeira.

Uma data que merece destaque, porque o Padre Ignácio Valle, SJ foi um homem à frente de seu tempo e figura fundamental na difusão mundial da Devoção à Medianeira. Embora trabalhasse longe de Santa Maria, sempre atuou na organização das Romarias.

Espera-se que, em novembro de 2024, nos 90 anos de sua Ordenação Sacerdotal - junto ao Quadro de N. Sra. Medianeira - ele seja lembrado, ocupando um lugar de destaque no Santuário-Basilica, para onde os seus restos mortais foram trasladados, em 2005, a partir de um movimento amplo, que uniu os poderes públicos, a comunidade santa-mariense, os religiosos, seus familiares e amigos.

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

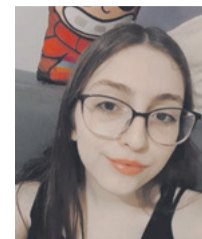


Tragédias e memória coletiva

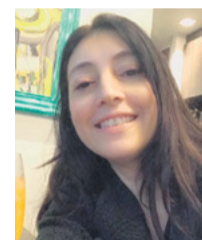
Nestes dias em que a região toda do RS sofre pelas chuvas que caíram destruindo vidas, casas, patrimônios coletivos, sonhos e esperanças, todos nos sentimos comovidos e envolvidos pelo sofrimento dos próximos e dos atingidos pelas enchentes. Um indicador da prevalência desses sentimentos são as inúmeras ações de solidariedade que estão sendo levadas a frente na tentativa de mitigar tanta dor. Sob o impacto imediato da devastação, estamos cientes da necessidade de refletir em torno das medidas que devem ser adotadas para evitar novas enchentes assim como reconhecemos o valor de atribuir responsabilidades. Porém, com o passar do tempo, existe sempre o risco do esquecimento; principalmente, por relação às responsabilidades das agências encarregadas de levar a frente as medidas cabíveis para preveni-la e que não o fizeram. Neste ponto é fundamental compreender o valor das iniciativas vinculadas à promoção da memória coletiva. Trata-se de ações importantes, pois são uma forma de promover o valor da vida, do cuidado e da prevenção de futuras tragédias.

Neste sentido, na UFSM, estamos levando a frente uma iniciativa que busca colocar em destaque as memórias dos sobreviventes da tragédia da boate Kiss. Com uma equipe interdisciplinar de 11 pessoas, entre professores, bolsistas, discentes da pós-graduação, graduação e egressos e com recursos das agências CNPq e FAPERGs, estamos recuperando os depoimentos e testemunhos dos sobreviventes para criar um memorial virtual da tragédia, que permitirá a todos os interessados conhecer em primeira mão a experiência limite que eles atravessaram a partir do site da Universidade. Entendemos que a recuperação destes relatos no memorial virtual funcionará como um alerta permanente para a cidadania, para que tragédias como a da boate Kiss, mas não apenas, não se repitam. A memória coletiva adquire um valor moral e político chave servindo como antídoto perante o descaso, a impunidade, a negligência e o esquecimento. Diferente das manchetes de jornais que trazem os números frios da tragédia, os relatos dos sobreviventes permitem conhecer de perto o horror que eles atravessaram, bem como as dificuldades que precisaram enfrentar ao longo das suas vidas. O sofrimento vai além do dia em que a boate pegou fogo ou as casas foram perdidas pelas enchentes. A devastação perdura e permanece de formas que nem imaginamos quando não conhecemos de perto. Portanto, precisamos recuperar essas lembranças, manter a empatia e a solidariedade para com os atingidos por tragédias e, fundamentalmente, manter-nos alerta da atuação dos poderes públicos, cobrando medidas de prevenção. Os testemunhos dos sobreviventes de tragédias, quando recuperados do esquecimento, têm um valor fundamental: permitem garantir sua função como alertas, evitando que novas tragédias se repitam.

PS: Aproveitamos a coluna para convidar aqueles sobreviventes que tiverem interesse em participar da iniciativa a entrar em contato por meio da nossa conta de Instagram @proj_memoriaetestemunho.

**FABIANA BUENO SEEFELDT**

Bolsista FAPERGS, discente do bacharelado em Ciências Sociais UFSM

**LUCIANA DIMPÉRIO**

psicóloga, discente do bacharelado em Ciências Sociais UFSM



A memória coletiva adquire um valor moral e político chave servindo como antídoto perante o descaso, a impunidade, a negligência e o esquecimento